



**LEIS FEDERAIS Nº 10.639/03 E 11.645/08
NO ENSINO DE INGLÊS: CONTRIBUIÇÕES
SOB A PERSPECTIVA DA
NARRATIVA VISUAL, DO LAPBOOK E DOS
JOGOS BOOLE**

Marlei Budny dos Santos Souza

SUPERVISOR TÉCNICO

Cláudia Cristina Ferreira

TIPO

Caderno Pedagógico, Lapbook, Jogos Boole

CONTEXTO

Educação Básica e Instituto de idiomas

PÚBLICO ALVO

Estudantes e Professores de Inglês

LÍNGUA

Inglês

ANO DE DEFESA

2020

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cultura possui um papel relevante na educação por complementar o próprio currículo proposto. Segundo este viés, o presente estudo tem por objetivo valorizar e incentivar a implementação dos aspectos africano, afro-brasileiro e indígena (BRASIL, 2003; BRASIL, 2004; BRASIL, 2008) em sala de aula por meio de propostas de atividades diversificadas e interdisciplinares, aqui representadas mediante confecção de um *lapbook* (NEBOT, 2017; SCOTT, 2018) temático a partir da leitura e análise da obra *500 Anos* (RENNÓ, 1999).

A elaboração da teoria que embasa a construção deste instrumento pedagógico parte de estudos acerca de portfólio (COTTA; COSTA, 2016; SHORES, 2012; VILLAS BOAS, 2012). A proposta se inicia a partir da leitura de uma narrativa visual (FERREIRA, 2019, RODRIGUES, 2012) e a abrangência da temática proposta por meio de atividades interdisciplinares. Em língua inglesa, sugerimos a utilização dos jogos *Boole* (GIRELLI; BEZERRA, 2013a; GIRELLI; BEZERRA, 2013b; MELLO; MELLO, 2011), que envolve raciocínio lógico e afirmações para a resolução de problemas. Entendemos que práticas pedagógicas que abordem tais temas têm sido incorporadas ao currículo escolar, no entanto, muitas vezes, por obrigatoriedade de lei e de maneira que as comunidades a ela relacionadas nem sempre valorizadas de maneira positiva.

Partimos de recursos que privilegiem ações afirmativas (JOHANN, 2017; MUNANGA, 2001) a fim de minimizar práticas de racismo e preconceito no ambiente escolar. Utilizamos como metodologia revisão bibliográfica e apresentação de instrumento de registro para avaliação de *lapbook*, além da elaboração do jogo propriamente dito. Deste modo, sugerimos uma prática pedagógica que valorize a inclusão mediante temáticas que a ela estejam relacionadas.

Como contribuição, esperamos favorecer a inserção das culturas africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula de modo mais prático e de maneira que possibilite a interdisciplinaridade e, conseqüentemente, acarrete a (re)significação e (re)valorização da identidade nacional.

1 O INÍCIO DOS 500 E POUCOS ANOS DE BRASIL

Destacamos que o principal objetivo deste trabalho final junto ao mestrado profissional é propor práticas pedagógicas que valorizem e incentivem a implementação de atividades diversificadas e interdisciplinares mediante a confecção de um *lapbook*¹ abordando as temáticas africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula. Nossas colocações visam trabalhar estes temas de maneira positiva (MUNANGA, 2001), ou seja, que culminem na valorização destas culturas na construção da cultura brasileira hoje existente, como forma de minimizar práticas de racismo e preconceito no ambiente escolar e, possivelmente, para fora dos muros escolares.

Compreendemos que a função da escola, dentre outras, é a de “formar cidadãos críticos e conscientes, na e para sociedade” (PEREIRA, 2011, p. 5) e que, para tal, o resgate da história que formou nosso país se faz urgente pois nossa identidade provém de uma formação diversa: europeus, indígenas e povos africanos. Apesar disso tudo, sabemos que a escola, até o momento, se encontra engessada em conteúdos eurocêntricos e fora da realidade cultural brasileira.

O espaço escolar é aquele em que compartilhamos não só saberes e conteúdos escolares. Também compartilhamos hábitos, crenças, valores, assim como pré-conceitos dos mais variados tipos (GOMES, 2002) e isso pode ser traduzido, por vezes, com práticas de racismo e preconceito racial das mais variadas origens, isto é, tanto de professores, quanto de funcionários ou até de colegas de sala.

O ‘privilégio’ que se dá ao se valorizar a cultura europeia em detrimento à brasileira reforça a inferiorização do negro frente à formação do povo brasileiro. É-nos necessário “promover a descolonização do saber e dar outra

¹ O *lapbook* é um recurso material utilizado para organizar de forma esquemática toda informação aprendida sobre um tema. O suporte do mesmo pode ser uma cartolina com diferentes divisões. Torna-se, portanto, uma forma visual, simples e divertida de retomar o que se aprendeu, tradução nossa. No original: “Un lapbook es un recurso material que se utiliza para organizar de forma esquemática toda la información aprendida sobre un tema. El soporte del mismo suele ser una cartulina con diferentes secciones. Así pues, es una forma visual, simple y divertida de recopilar lo aprendido” (NEBOT, 2017, p. 12).

possibilidade de visão – que não seja eurocêntrica” (GEVEHR; ALVES, 2016, p. 24) para que contribuamos nas mudanças necessárias no que se refere a esta temática.

A luta pela igualdade de raças se iniciou antes mesmo da assinatura da Lei Áurea pois os direitos não foram estendidos à população negra. Sem trabalho digno, terra, saúde, educação, habitação, o Movimento Negro busca “pela formulação de atitudes em defesa da população negra” (JAROSKEVICZ, 2008, p. 2). Podemos observar na sequência uma série de fatores que ‘aceleraram’ a libertação e a culminância tardia de tal decreto.

Quadro 1 – Diretrizes históricas no processo de libertação dos escravizados

ANO	‘DIRETRIZ’	ASSUNTO
1810	Acordo inglês	gradual extinção gradual do comércio de escravos no país (tratado inglês)
1827	Proibição do tráfico	tráfico de escravos julgado como ilícito (tratado inglês)
1845	Bill Aberdeen	inspeção inglesa de embarcações brasileiras em qualquer oceano
1850	Lei Eusébio de Queirós	proibição do tráfico de escravos africanos
1871	a Lei do Ventre Livre	filhos de escravos nascidos no Brasil considerados livres
1885	Lei dos Sexagenários	alforria para escravos com 60 anos ou mais
1888	Lei Áurea	abolição ‘definitiva’ da escravatura

Fonte: a própria autora (baseado em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-leis-contra-escravidao-abolicao.phtml>>. Acesso em 15 maio 2020)

Por ‘força’ de Lei, a escravidão foi extinta em 1888, mas vários movimentos anteriores a sua assinatura ocorreram para que isso de fato se concretizasse, como demonstrado anteriormente. O sistema econômico exploratório da escravidão já estava em decadência, o número de negros livres e alforriados já era maior do que o de escravizados e o trabalho assalariado já existia. As leis que antecederam a assinatura da princesa Isabel colaboraram

para que essa mudança não tardasse, mesmo que o Brasil protelasse a tomar esta decisão.

A proibição do tráfico de africanos impossibilitava a renovação de mão de obra, somado a uma certa quantidade de negros que compravam sua própria alforria, além dos que fugiam para os quilombos, acrescidos também aos que ‘nasciam livres’, determinação também por lei, mas nem sempre respeitada pelos senhores.

Após a lei antitráfico, a imigração de europeus se fortalece e traz ideais de ‘embranquecimento’, ignorando a nova população livre e valorizando os brancos em detrimento de julgamentos de valor como serem menos preguiçosos, por exemplo.

Um dos abolicionistas de relevância na época era Luís Gonzaga Pinto da Gama, filho de pai branco e mãe africana livre, vendido como escravo por um amigo do pai, que trabalhou como escravo doméstico e aprendeu a ler e a escrever com um estudante de direito, reivindicando sua liberdade, porque assim nascera. Tornou-se rábula (advogado sem diploma) e dava entrada em ações na Justiça para libertar escravos nascidos livres e presos acusados de fuga.

Muito mais tarde, com a promulgação de Leis Federais, a 10639/03, por exemplo, “traz a perspectiva de uma educação para equidade racial, através da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica” (GEVEHR; ALVES, 2016, p. 18) e é reflexo da luta deste povo desde meados de 1800 para garantir direito à igualdade.

Estas, a Lei 10639/03² e 11645/08³, posteriormente dispostas e discutidas, vieram para “estimular docentes e discentes na discussão do assunto, pois gera no professor a segurança para discutir o problema” (GUEDES; NUNES; ANDRADE, 2013, p. 423), já que contribuem para o processo. Ressaltamos, porém, que se faz necessário uma proximidade maior

² Lei nº 10. 639/03 torna obrigatória a inclusão das temáticas africana, afro-brasileira no currículo escolar.

³ Lei nº 11. 645/08 inclui a obrigatoriedade da temática indígena no currículo escolar, complementando a anterior.

entre teoria e prática uma vez que nem sempre os educadores têm acesso a materiais que contemplem o currículo escolar e o cumprimento das primeiras.

Neste contexto, compreendemos que a instituição escolar “constitui-se como um dos principais espaços de formação dos indivíduos e encontra-se, centralmente envolvida na questão da diversidade racial existente na sociedade brasileira” (GEVEHR; ALVES, 2016, p. 23). Quando o currículo privilegia a cultura ocidental, menospreza as demais etnias e culturas brasileiras advindas de saberes e culturas africana e indígena.

Reconhecemos que nossa história, diga-se o programa curricular já estabelecido, ignora a importância da participação dos negros, escravizados, e que foram fundamentais para consolidação de valores e costumes em nossa cultura, nacional (PEREIRA, 2011). Defendemos, assim, uma “desconstrução do discurso e de práticas raciológicas presentes nos currículos escolares” (AMORIM; PAULA; ROCHA, 2015, p. 96), a fim de se reconhecer esta diversidade racial e étnica na formação de nosso país.

Para tanto, sugerimos, portanto, a utilização de um livro de literatura infanto-juvenil, com intenção de “rearticulação de ideologias, através de estratégias específicas” (LIMA, 2001, p. 102) com a finalidade de (re)construir positivamente a participação ativa e rica culturalmente no Brasil, bem como debater sobre as relações étnico-raciais presentes no ambiente escolar.

Nossa proposta parte, pois, de uma escola pública estadual situada à zona norte de Londrina, rodeada por uma comunidade heterogênea e composta, em grande parte, de alunos afrodescendentes e economicamente diversa. Sua história já vem marcada por momentos presenciais de práticas de repulsa e negação de raça por parte até mesmo de familiares, por isso a relevância do que neste nos propusemos a apontar.

Reiteramos a necessidade de práticas pedagógicas que transponham os muros dos espaços escolares e auxiliem na diminuição de preconceito e racismo nas instituições. Acreditamos ser possível a aplicabilidade de leitura de narrativas visuais e atividades de portfólio para esse fim de maneira mediada

pelos professores e com atividades diversificadas que visem práticas positivas no modo como são vistos esses povos.

Assim sendo, nesta introdução, situamos o leitor sobre os objetivos, as etapas metodológicas e o que cada capítulo deste trabalho aborda, por sua vez, no capítulo 2, fazemos uma breve análise das leis federais – nº 10.639/03 e 11.645/08 – que trazem a obrigatoriedade, no currículo escolar, destas questões de formação da cultura nacional a partir da história africana e indígena e das orientações (BRASIL, 2003; BRASIL, 2004; BRASIL, 2008) e resoluções propostas no estado do Paraná (PARANÁ, 2006; PARANÁ, 2008; PARANÁ, 2010a; PARANÁ, 2010b) para que este tema seja trazido para dentro do ambiente escolar.

No capítulo 3, dispomos as perspectivas que subsidiaram a seleção do nosso texto a partir do viés proposto: a proposição do uso de narrativas visuais (FERREIRA, 2019, RODRIGUES, 2012) para abordagem das temáticas africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula (RENNÓ, 1999). Dialogamos com estudos que aprofundem a origem da literatura infantil e a valoração de seu uso em sala de aula, bem como a temática que nos propusemos a discutir.

Na sequência, capítulo 4, denotamos estudos desde portfólio (COTTA; COSTA, 2016; SHORES, 2012; VILLAS BOAS, 2012) e a aplicabilidade dos mesmos à teoria do uso de *lapbook* (NEBOT, 2017; SCOTT, 2018) nos espaços escolares. O estudo surgiu por volta dos anos setenta nos Estados Unidos e eram utilizados para educação domiciliar. Hoje, grandemente difundido com propostas já prontas na internet, dispomos o relato teórico com base em textos que embasam a aplicabilidade de portfólios e a possibilidade de variação temática em sua proposição, o que nos permite adaptar a nosso objetivo: atividades que estejam referenciadas ao cumprimento das Leis.

Posteriormente, na seção 5, retratamos um recorte bibliográfico sobre os jogos *Boole* (GIRELLI; BEZERRA, 2013a; GIRELLI; BEZERRA, 2013b; MELLO; MELLO, 2011) e sua aplicação nas aulas de inglês, bem como analisamos as opções de aplicativos de produção de avatares, a escolha na

produção de cartas e o processo de construção de um jogo afrocentrado, abordando a cultura africana e afro-brasileira.

Para iniciar, começamos com levantamento bibliográfico de temas e palavras-chave a eles relacionados, bem como leitura e fichamento dos textos encontrados e expandimos nossos horizontes durante a construção da proposta final. Esclarecemos que, a princípio, nossa intervenção era apenas uma proposta de interferência sobre a temática escolhida, mas, com o tempo e o projeto proposto pela orientadora, passou a ser a utilização do livro infantil para uma mediação em sala de aula com a finalidade de se abordar a temática que nos alcança de maneira interdisciplinar por meio da leitura e análise de um livro infanto-juvenil.

Com as disciplinas do programa, leituras e orientações, aprimoramos e ampliamos nossa proposta para a utilização de *lapbook* em sala com abordagem interdisciplinar que, em vista da falta de referencial teórico, abordados aqui com base em estudos sobre portfólio. Reconhecemos que seria um subtipo pela proximidade de objetivos pedagógicos e pela proposta de demonstrar a produção dos alunos. Nossa sugestão para o ensino e a aprendizagem Língua Estrangeira foi a construção dos Jogos *Boole* em sala de aula, adaptada à cultura afro-brasileira e africana.

Meu desejo era criar uma proposta da temática por conta de participar ativamente da Equipe Multidisciplinar da escola, explicada mais detalhadamente à frente. Este grupo é formado a cada dois anos da escola e deve propor ações de enfrentamento ao racismo, preconceito e discriminação racial nos espaços escolares.

Conforme já exposto, não me propus a aplicar o objeto de estudo final proposto neste por motivos particulares, mas me foi permitida a pilotagem junto à Equipe Mirim do Colégio. Esta agremiação era preocupação em nossa escola desde 2016 e reuniu alunos de anos/séries diferentes para que os instrumentalizássemos a partir de debates, oficinas e rodas de conversa no processo de empoderamento e autoaceitação.

Convém sublinhar que o principal objetivo desta pesquisa de mestrado profissional é valorizar e incentivar a implementação dos aspectos africano, afro-brasileiro e indígena (BRASIL, 2003; BRASIL, 2004; BRASIL, 2008) em sala de aula por meio de propostas de atividades diversificadas e interdisciplinares, aqui representadas mediante confecção de um *lapbook* por meio de práticas pedagógicas que facilitem a inserção das temáticas referentes às leis que abarcam os temas africano, afro-brasileiro e indígena em sala de aula e que contemplem as diferentes áreas do conhecimento e que abordem os temas de maneira positiva, ou seja, que valorizem as culturas evidenciadas e que componham um *lapbook* temático a partir da leitura do livro *500 Anos* (1999), de Regina Rennó.



AFRO BOOLE



Histórias Lógicas

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
ESTRANGEIRAS MODERNAS
MARLEI BUDNY DOS SANTOS SOUZA**

Organização

Apresentação dos Jogos	03
Regras dos Jogos Boole	04
Cartas para os Jogos Boole	18
Seu espaço	19
Regras do Jogo da Memória	20
Cartas para o Jogo da Memória	21
Biografia de George Boole	22
Dicas para a conservação de jogos	23
Solução dos jogos	24

Histórias Lógicas

Por meio de histórias lógico-matemáticas, os Jogos Boole objetivam desenvolver a capacidade de raciocínio lógico através de situações-problema.

Também contribuem para a organização das informações propostas e resolução dos problemas apresentados, além de estimular o usuário para descoberta de soluções.

- No rodapé de cada página está uma nota explicativa sobre os termos utilizados no jogo;
- As cartas (Boole) estão organizadas e indicadas para cada jogo por bolinhas coloridas no canto inferior à esquerda. Tenha atenção ao organizá-las. A indicação de quais serão usadas está no canto superior de cada página deste encarte.



Nome



Dança



Penteado



Lugar

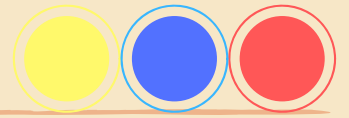
REGRAS

Jogo Boole

- Leia as afirmações com atenção;
- Relacione corretamente que lugar foram visitar, o penteado de cada personagem e a dança relacionada a cada uma;
- Responda as perguntas no final da história;
- Use as cartas como auxílio na descoberta da resposta das questões.

Atenção:

Na página 19 há um espaço especial para você criar suas próprias cartas... Na 21, um encarte especial, sem marcações, para utilização enquanto jogo da memória, como sugestão para outra atividade. Não se esqueça de imprimir duas vezes a página para se divertir



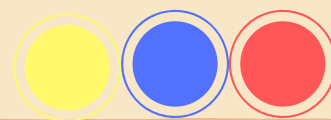
Aziza visita o NEAB.

Malaika dança jongo.

Quem dança kizomba foi
visitar o Museu Afro Brasil.

- Quem foi conhecer o quilombo?
- Quem dança kizomba?
- Quem dança semba?

Museu Afro Brasil - possui um acervo de mais de 6 mil obras (gravuras, esculturas, documentos, pinturas, fotografias) das culturas africana e afro-brasileira com temáticas diversas, como trabalho, escravidão, religião, arte e sua influência na sociedade brasileira.



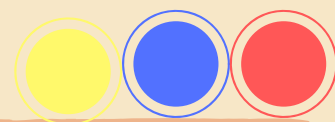
Aziza dança kizomba.

Niara foi ao Museu Afro Brasil.

Quem dança semba foi ao NEAB.

- *Quem dança jongo?*
- *Quem está no quilombo?*
- *Quem está no NEAB?*

Jongo - de origem africana, dança de roda acompanhada de tambores e presença eventual de umbigada (toque de corpos pelo umbigo).



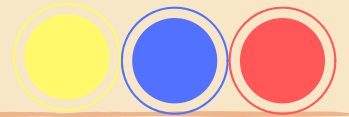
Niara visita o NEAB.

Malaika dança kizomba.

Quem dança jongo foi ao quilombo.

- *Quem dança semba?*
- *Quem está no Museu Afro Brasil?*
- *Quem dança jongo?*

Afropuff - penteado a partir do posicionamento de uma faixa ou elástico ao redor da cabeça, como uma tiara . Ao ajustar o acessório para cima, ajeita-se o cabelo gradualmente na mesma direção.



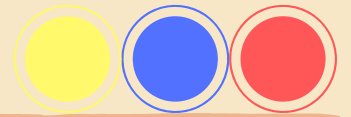
Malaika está no quilombo.

Niara dança jongo.

Quem dança kizomba
visitou o Museu Afro Brasil.

- *Quem dança semba?*
- *Quem está no NEAB?*
- *Quem dança kizomba?*

Aziza - significa 'preciosa', 'poderosa'.



Niara dança semba.

Aziza está no NEAB.

Quem dança kizomba está
no Museu Afro Brasil.

- *O que Aziza dança?*
- *Quem está no quilombo?*
- *Quem está no Museu Afro Brasil?*

NEAB/UEL - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, da Universidade Estadual de Londrina, desenvolve seminários, oficinas, cursos, conferências e publicações sobre estudos africanos e afro-brasileiros nos diferentes contextos da sociedade.



Malaika dança jongo.

Aziza está no Museu Afro Brasil.

Quem dança kizomba está no quilombo.

- *Quem está no NEAB?*
- *Quem dança semba?*
- *Quem está no quilombo?*

Kizomba - estilo musical angolano, fusão de semba, zouk, merengue e Música Popular Brasileira (MPB).



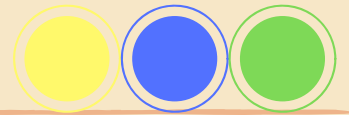
Malaika usa box braids.

Niara está no Museu Afro Brasil.

Quem está no quilombo usa tranças nagô.

- *Quem está no NEAB?*
- *Quem usa afropuff?*
- *Quem está no quilombo?*

Box braids - trançado entre fios naturais e fios sintéticos a partir de mechas quadradas.



Malaika está no quilombo.

Aziza usa tranças nagô.

Quem está no NEAB usa box braids.

- *Quem está no Museu Afro Brasil?*
- *Quem usa afropuff?*
- *Quem usa box braids?*

Malaika - significa 'doce princesa'.



Aziza usa box braids.

Malaika está no quilombo.

Quem está no Museu Afro
Brasil usa afropuff.

- *Quem está no NEAB?*
- *Quem usa tranças nagô?*
- *Quem está no Museu Afro
Brasil?*

Quilombo - local onde se refugiavam os negros, fugidos das senzalas. Normalmente eram locais escondidos em meio à mata. Representam resistência e combate à escravidão.



Niara usa afropuff.

Aziza está no Museu Afro Brasil.

Quem está no quilombo usa tranças nagô.

- *Quem está no NEAB?*
- *Quem está no quilombo?*
- *Quem usa box braids?*

Semba - de origem angolana, deu origem à kizomba; caracteriza-se por movimentos de encontro do corpo da mulher com o homem, ou choque entre os dois com passadas improvisadas.



Aziza está no NEAB.

Malaika usa box braids.

Quem está no quilombo usa tranças nagô.

- *Onde está Malaika?*
- *Quem usa afropuff?*
- *Quem usa tranças nagô?*

Tranças nagô - tranças feitas a partir da raiz, bem presas ao couro cabeludo. Podem ser a partir do próprio cabelo ou com cabelo sintético, ter diferentes formatos e produzir desenhos na cabeça.



Niara está no Museu Afro Brasil.

Malaika usa tranças nagô.

Quem está no quilombo usa afropuff.

- *Quem usa box braids?*
- *Quem está no NEAB?*
- *Quem usa afropuff?*

Niara - significa 'mulher em busca de grandes objetivos'.

CARTAS



ESTE ESPAÇO É SEU...

19



REGRAS

Jogo da Memória

As cartas são embaralhadas e postas com os desenhos virados para baixo.

Cada jogador pode virar apenas duas cartas por vez. Se elas formarem um par, quem virou fica com ele e joga novamente. Se não, deve voltar as cartas na posição inicial, viradas com a figura para baixo.

Ganha quem tiver mais cartas ao final.

Pode-se jogar sozinho ou com vários jogadores.

- Imprima as cartas do jogo (página 21). Recorte com atenção. Se possível, plastifique para maior durabilidade e use papel de maior gramatura para melhor conservação do seu jogo.*
- Não se esqueça de fazer 2 cópias de cada página para duplicar as imagens.*

Boa diversão!



Universidade Estadual de Londrina - MEPLEM

Idealização: Marlei Budny dos Santos Souza

Imagens: Google/Dollify

Arte: www.canva.com

BIOGRAFIA ²²

George Boole

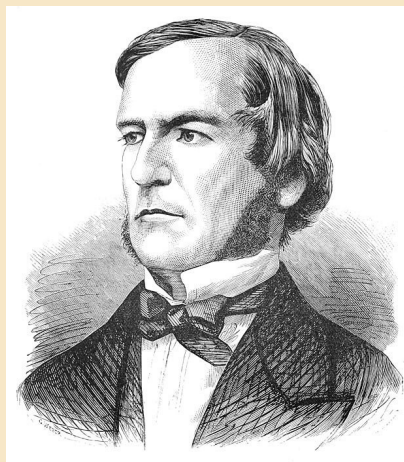
Foi um matemático britânico (1815-1864). Interessava-se por línguas e aos 16 já era professor assistente.

Em 1835 fundou sua própria escola e se dedicou à matemática.

Em 1840 ocupava o cargo de professor principal de matemática em uma escola irlandesa.

Faleceu com 49 anos de idade, vítima de pneumonia.

Sua teoria algébrica (sistema binário) foi aplicada em linguagem da computação 75 anos após sua morte.



Como conservar os jogos?

Nossa proposta contém cartas de papel, que são fáceis de perder e danificar. Para evitar isso, sugerimos que utilize um papel de maior gramatura (folha mais grossa) para impressão e que plastifique suas cartas, além de acomodá-las em um local de fácil acesso e organização.

Pode-se separar os 2 jogos aqui propostos em sacos plásticos diferentes, por exemplo. Uma outra ideia é guardar em potes de plástico etiquetados.

Este encarte pode ser encadernado ou armazenado em uma pasta tipo 'arquivo' (daquelas com grampo) ou até em uma caixa especial.

Esperamos que nossas dicas ajudem e que sua diversão seja imensa... Bora jogar?

SOLUÇÕES

Página 05			Página 06		
AZIZA	NEAB	SEMBA	AZIZA	QUILOMBO	KIZOMBA
MALAIKA	QUILOMBO	JONGO	MALAIKA	NEAB	SEMBA
NIARA	MUSEU	KIZOMBA	NIARA	MUSEU	JONGO
Página 07			Página 08		
AZIZA	QUILOMBO	JONGO	AZIZA	MUSEU	KIZOMBA
MALAIKA	MUSEU	KIZOMBA	MALAIKA	QUILOMBO	SEMBA
NIARA	NEAB	SEMBA	NIARA	NEAB	JONGO
Página 09			Página 10		
AZIZA	NEAB	JONGO	AZIZA	MUSEU	SEMBA
MALAIKA	MUSEU	KIZOMBA	MALAIKA	NEAB	JONGO
NIARA	QUILOMBO	SEMBA	NIARA	QUILOMBO	KIZOMBA
Página 11			Página 12		
AZIZA	QUILOMBO	TRANÇAS	AZIZA	MUSEU	TRANÇAS
MALAIKA	NEAB	BOX BRAIDS	MALAIKA	QUILOMBO	AFROPUFF
NIARA	MUSEU	AFROPUFF	NIARA	NEAB	BOX BRAIDS
Página 13			Página 14		
AZIZA	NEAB	BOX BRAIDS	AZIZA	MUSEU	BOX BRAIDS
MALAIKA	QUILOMBO	TRANÇAS	MALAIKA	QUILOMBO	TRANÇAS
NIARA	MUSEU	AFROPUFF	NIARA	NEAB	AFROPUFF
Página 15			Página 16		
AZIZA	NEAB	AFROPUFF	AZIZA	QUILOMBO	AFROPUFF
MALAIKA	MUSEU	BOX BRAIDS	MALAIKA	NEAB	TRANÇAS
NIARA	QUILOMBO	TRANÇAS	NIARA	MUSEU	BOX BRAIDS